

Consumo de Energia Elétrica

Brasil

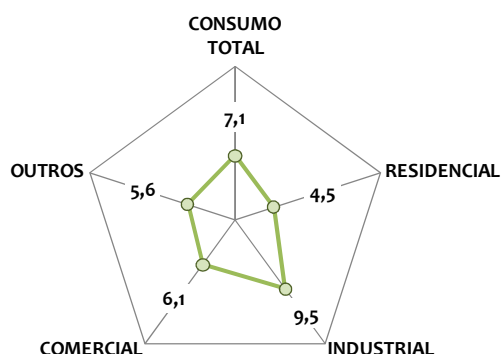
Agosto de 2010	Consumo na Rede		Mercado Livre	
	TWh	Var.%	TWh	Var.%
No mês	35,0	7,1	9,5	15,9
Em 12 meses	412,0	6,7	104,6	11,1

INDÚSTRIA LIDERA EXPANSÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA EM AGOSTO

Demanda do setor aumenta 9,5% no mês. RJ obtém o maior crescimento entre os estados

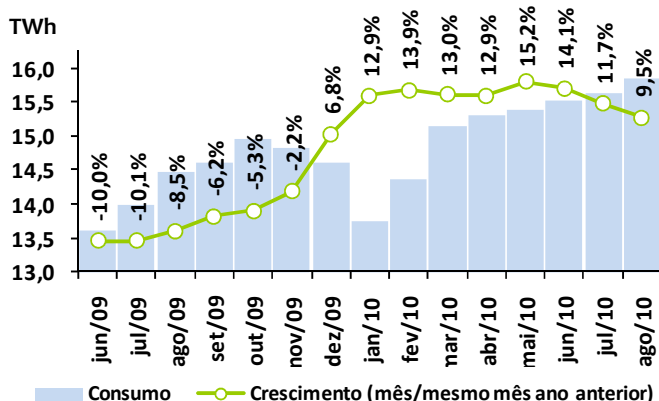
O consumo de energia elétrica no país em agosto de 2010 somou 35.006 gigawatts-hora (GWh), situando-se 7,1% acima do verificado no mesmo mês de 2009. Decorridos oito meses do ano, o consumo nacional consolida expansão de 9,2% ante igual período o ano passado. O resultado continua sendo puxado pelo consumo industrial, cujo desempenho (9,5%) explicou 4,2 pontos percentuais da taxa global.

Gráfico I. Crescimento (%) por classe: ago/ago ano anterior



Consumo industrial. Em agosto, ao totalizar 15.852 GWh, o consumo industrial apresentou crescimento de 9,5% frente a igual mês de 2009. É a primeira vez no ano que se verifica taxa inferior a 10% na base de comparação mensal, o que pode ser explicado pelo fato de que em agosto de 2009 já se verificavam sinais de retomada do consumo industrial. No acumulado no ano e nos 12 meses findos em agosto o crescimento se manteve em patamar elevado: 12,9% e 7,5% respectivamente.

Gráfico II. Consumo e taxas de crescimento



A região Sudeste segue em posição de destaque, expandindo 12% e com crescimento generalizado entre os estados. O Rio de Janeiro apresentou o maior crescimento percentual do país (23,8%), para o que contribuiu o fato de um grande consumidor, que habitualmente utiliza geração própria, estar utilizando energia da rede.

A região Norte foi a que apresentou desempenho mais modesto, crescendo 3,7% na base de comparação mensal. É que o Pará, que respon-

de por aproximadamente 80% do mercado da região e tem seu consumo composto por empresas extrativas energointensivas, teve crescimento de apenas 2,4%. Vale lembrar que nesta região essas indústrias não sofreram de forma intensa impacto negativo da crise financeira de 2008/2009.

Consumo residencial. Em agosto de 2010, o consumo de energia elétrica das famílias brasileiras totalizou 8.781 GWh, representando 25% do total e indicando, ante o mesmo mês de 2009, acréscimo de 4,5%. No ano, a classe residencial acumula expansão de 7,1%.

O crescimento teria sido maior não fosse a baixa taxa de 3,5% verificada no Sudeste, reflexo do tímido incremento no Rio de Janeiro (1,1%) e do desempenho negativo no Espírito Santo (-8,9%). No primeiro caso, houve influência de temperatura mais baixa e quase um dia a menos no faturamento da baixa tensão, ambos os dados em relação a agosto de 2009. Já no segundo caso, verificou-se deslocamento de faturamento para adequação de rotas de leitura.

A região Nordeste, que vem se destacando com crescimentos bastante altos, mostrou uma acomodação na taxa mensal, registrando em agosto 6,1%. Diferentemente dos meses precedentes, o consumo residencial em Pernambuco mostrou desempenho negativo (-0,7%), devido em grande parte ao menor número de dias faturados, puxando para baixo o resultado regional. No período janeiro-agosto, a expansão do consumo residencial nordestino mantém-se em patamar elevado: 13,5%.

Em agosto deste ano, os consumidores residenciais alcançaram a marca de 57,3 milhões, número 3,8% superior ao de um ano antes (acréscimo de 2,1 milhões de contas). O consumo médio mensal nacional do período janeiro-agosto foi de 157 kWh, 3,5% acima de 2009.

Consumo comercial. O consumo comercial vem revelando desempenho intenso no país. Em agosto, somou 5.444 GWh, apontando aumento de 6,1% em relação ao mesmo mês de 2009. No acumulado do ano, a expansão é de 7,1%.

Nessa última base de comparação, o Norte e o Nordeste se destacam, com taxas respectivas da ordem de 12% e 10%. O crescimento é disseminado pelos estados das duas regiões, com taxas variando entre 9,0% (RR) e 18,0% (TO), no Norte; e entre 7,2% (BA) e 18,1% (MA), no Nordeste.

A maior influência sobre o resultado nacional veio do Sudeste que, com crescimento de 6,4% no mês, explicou 3,5 pontos percentuais (pp) da taxa global da classe. Em seguida veio o Sul, cuja contribuição foi de 1,3 pp. Esses resultados remontam a uma base de comparação deprimida pois, em agosto de 2009, o consumo comercial nessas duas regiões foi atipicamente baixo (indicou taxas respectivas de 1,6% e 0,8% sobre 2008). Estes números refletiam a incidência da Nova Gripe, que provocava o adiamento no retorno às aulas e impactava os estabelecimentos de ensino, restringindo a frequência a estabelecimentos comerciais de maior aglomeração (como *shopping centers*).

A contínua expansão do consumo comercial no país pode ser entendida, entre outros fatores, como uma consequência natural das condições favoráveis de crédito e massa salarial, que alavancam as atividades de comércio e de serviços. Assim, em alguns estados, especialmente no Norte e no Nordeste, se observa um grande número de novos estabelecimentos, muitos de elevado padrão de consumo como redes atacadistas e hipermercados. Também chama atenção a expansão de determinados segmentos de prestação de serviços, como o de educação e o ramo ligado às atividades da medicina, do que é exemplo o polo médico de Pernambuco, já considerado um dos maiores do país.

A INFLUÊNCIA DO MERCADO EXTERNO NO CONSUMO INDUSTRIAL DE ENERGIA

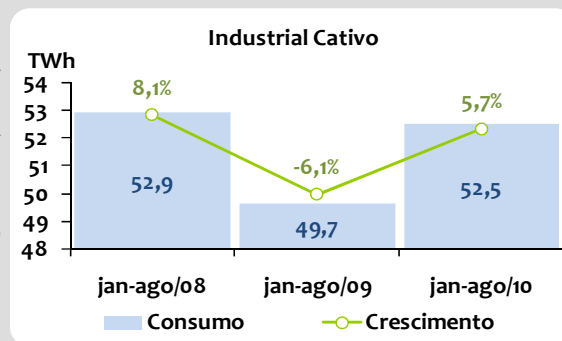
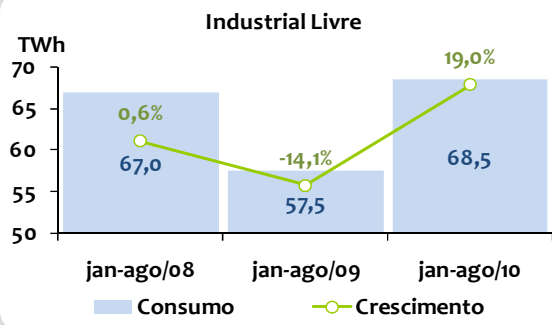
O consumo industrial de energia elétrica em 2010 vem apresentando taxas de crescimento robustas, devido tanto à intensificação das atividades econômicas quanto ao chamado “feito base”. Em 2009, verificou-se retração de 7,7% no consumo da classe industrial, como consequência da diminuição dos níveis de atividade de setor, em especial fruto da restrição da demanda externa imposta pela crise.

Entre as indústrias voltadas para o mercado externo estão as metalúrgicas, extrativas minerais e químicas, praticamente todas eletrointensivas e atuantes no mercado livre. Dessa forma, em termos de taxas anualizadas, enquanto o segmento livre apresentou retração de 10% em 2009, o consumo cativo caiu apenas cerca de 4%.

Superado o momento mais agudo da crise e com a retomada das atividades econômicas nas principais economias mundiais, as indústrias brasileiras eminentemente exportadoras passaram a apresentar taxas significativas de expansão. Neste contexto, explica-se o maior crescimento do consumo industrial livre comparativamente ao cativo (ver gráficos).

O indicador do IBGE que apresenta a produção física industrial por atividade exportadora aponta que, no período de janeiro a julho de 2010, houve crescimento de 18,1% da produção de indústrias com alta atividade exportadora, ao passo que para as de baixa intensidade a expansão foi de 12,4%. Ainda segundo o Instituto, a produção física do conjunto das indústrias com alta intensidade do gasto de energia elétrica cresceu, no mesmo período, 18,8%, enquanto o de baixa intensidade cresceu 12%.

A diferença nas taxas de crescimento é ainda maior quando se trata do consumo de eletricidade. No período janeiro-agosto/2010, o consumo industrial livre expandiu 19%, contra um crescimento de 5,7% do consumo cativo.



ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM AGOSTO			ATÉ AGOSTO			12 MESES		
	2010	2009	%	2010	2009	%	2010	2009	%
BRASIL	35.006	32.677	7,1	276.578	253.246	9,2	412.020	386.284	6,7
RESIDENCIAL	8.781	8.403	4,5	71.059	66.321	7,1	105.514	98.437	7,2
INDUSTRIAL	15.852	14.477	9,5	120.972	107.192	12,9	179.961	167.379	7,5
COMERCIAL	5.444	5.129	6,1	45.626	42.599	7,1	68.282	63.852	6,9
OUTROS	4.929	4.669	5,6	38.920	37.134	4,8	58.263	56.616	2,9
NORTE	2.178	2.075	5,0	16.845	15.603	8,0	25.324	23.981	5,6
RESIDENCIAL	492	454	8,3	3.814	3.346	14,0	5.725	5.138	11,4
INDUSTRIAL	1.107	1.068	3,7	8.544	8.141	5,0	12.773	12.522	2,0
COMERCIAL	294	271	8,6	2.249	1.998	12,6	3.396	3.074	10,5
OUTROS	286	283	1,0	2.238	2.119	5,6	3.430	3.246	5,7
NORDESTE	5.822	5.501	5,8	46.758	42.209	10,8	69.793	64.477	8,2
RESIDENCIAL	1.513	1.426	6,1	12.703	11.196	13,5	18.727	16.590	12,9
INDUSTRIAL	2.492	2.381	4,7	19.565	17.899	9,3	29.155	27.729	5,1
COMERCIAL	809	769	5,2	6.747	6.112	10,4	10.083	9.219	9,4
OUTROS	1.008	926	9,0	7.742	7.002	10,6	11.827	10.939	8,1
SUDESTE	18.958	17.470	8,5	148.334	134.963	9,9	221.107	206.928	6,9
RESIDENCIAL	4.680	4.521	3,5	37.707	35.956	4,9	56.166	53.257	5,5
INDUSTRIAL	9.002	8.035	12,0	67.998	58.704	15,8	101.009	92.682	9,0
COMERCIAL	2.997	2.817	6,4	25.189	23.724	6,2	37.846	35.604	6,3
OUTROS	2.280	2.096	8,8	17.441	16.580	5,2	26.086	25.385	2,8
SUL	5.834	5.496	6,1	47.466	44.165	7,5	70.031	66.257	5,7
RESIDENCIAL	1.450	1.381	5,0	11.545	10.879	6,1	16.976	15.994	6,1
INDUSTRIAL	2.660	2.428	9,6	20.460	18.248	12,1	30.376	28.111	8,1
COMERCIAL	912	847	7,6	7.868	7.369	6,8	11.592	10.855	6,8
OUTROS	812	840	-3,4	7.594	7.669	-1,0	11.087	11.297	-1,9
CENTRO-OESTE	2.214	2.135	3,7	17.175	16.306	5,3	25.766	24.641	4,6
RESIDENCIAL	647	620	4,3	5.291	4.944	7,0	7.920	7.458	6,2
INDUSTRIAL	590	565	4,4	4.405	4.200	4,9	6.648	6.336	4,9
COMERCIAL	433	426	1,7	3.573	3.397	5,2	5.364	5.099	5,2
OUTROS	543	524	3,7	3.906	3.764	3,8	5.833	5.748	1,5

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica—COPAM/EPE
Valores sujeitos a revisão

RESENHA

Mensal do Mercado de Energia Elétrica

Publicação da Diretoria de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da EPE



Coordenação Geral
Maurício Tiomno Tolmasquim
Amílcar Gonçalves Guerreiro

Coordenação Executiva
Ricardo Gorini de Oliveira

Equipe Técnica
Cláudio Gomes Velloso (coordenação mercado de energia)
Gustavo Naciff de Andrade
Inah Rosa Borges de Holanda
Jose David
Jaine Venceslau Isensee
Luiz Claudio Orleans
Marilene Dias Gomes

Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oldon Machado

Sede: SAN—Quadra 1—Bloco B
1º andar—CEP 70051 930
Brasília—DF—Brasil

Escritório Central: Av. Rio Branco, 1 11º andar
CEP 20090 003—Rio de Janeiro—RJ
Brasil
www.epe.gov.br

Esta Resenha pode ser obtida em www.epe.gov.br/mercado